

O pretenso "PENSAMENTO Z"... BASTA!

Dominique Martin

Professeur honoraire des Universités, en sociologie, Lyon 2

Agrégé de philosophie

Diplômé de l'Institut d'Etudes Politiques de Paris

Yann Moulier Boutang

Ancien élève de l'Ecole Normale Supérieure

Professeur émérite en sciences économiques

Alliance Sorbonne Université-Université de Technologie de Compiègne

Eric Zemmour¹ formalizou sua candidatura à Presidência da República. Não somos seus amigos. Estamos lançando aqui um apelo, não para lutar contra o homem, mas para alertar as mentes sobre o perigo real que sua ideologia, traduzida em ações políticas, representaria para a França, para a Europa, se algum dia ele chegasse ao segundo turno, e mais ainda se ganhasse a eleição. Muitas coisas podem mudar e alterar as pesquisas que o colocam, por vezes, no segundo turno. Mas o fato dele ter protelado tanto o anúncio da candidatura não minimiza o problema que representa uma mudança da direita para mais direita. Porque esse polemista – que deveria ser menos subestimado, pois parece ter um considerável apoio financeiro e da mídia (conforme revelado por Ariane Chemin e Raphaëlle Bacqué no *Le Monde* em 21 e 22 de novembro) – dá sinais claros de seu desejo de transformar em atos rumações com mais de vinte anos e que, até então, permaneceram teóricas. A sua expressão pública – muitas vezes agressiva, desprovida da menor generosidade – pode parecer risível, mas, por trás deste espetáculo, que pode ser julgado insignificante, leve, até divertido, esconde-se um pensamento xenófobo à beira da loucura, que semeia ódio a tudo o que é árabe e muçulmano. Trata-se, em suma, de uma extensão do antissemitismo do qual Jean-Marie Le Pen, qualificado para o segundo turno das eleições presidenciais, fez seu negócio há vinte anos. O "pensamento" Z tem apenas uma lanterna sob a qual procura as chaves para todos os problemas: a questão da imigração. Aos que, embora discordem de algumas de suas ideias, defendem a sinceridade do homem ou esperam um pouco intrigados seu programa social, sem excluir a priori a possibilidade de votar nele, vamos relembrar aqui pequenas frases, jogadas ao léu, das quais o polemista em campanha é campeão.

Presença frequente nas telas televisivas, respondendo ao que considerou um ataque, disse a uma muçulmana: “Seu nome é um insulto à França!”. Além disso, explicitou seus limites de assimilação, ordenando aos filhos de migrantes que mudassem seu primeiro nome, especialmente se este estiver relacionado ao Islã. Em ocasião recente, convocou outra muçulmana a remover o véu. Para ocupar a primeira página, o

¹ Em comício realizado na noite de 5 de dezembro de 2021, em Villepinte, nos arredores de Paris [Nota da Tradução].

“pensamento” Z ... transgride mais a cada dia. Diz que o marechal Pétain teria salvo os judeus franceses entregando os judeus estrangeiros a Hitler. O capitão Dreyfus poderia muito bem ser culpado, afinal. Seu gosto por rotas de fuga o leva, em outra chave, a se autodenominar um *revisionista*, mas não um *negacionista*. Afirma que, longe de ser uma posição racista, a defesa contra o migrante árabe invasor é uma simples questão de proteger a ameaçada identidade francesa. Mas criminaliza os jovens migrantes, qualificando-os como “ladrões, estupradores e assassinos”, o que já lhe rendeu, depois de uma primeira condenação por incitamento ao ódio racial, uma nova condenação, em primeira instância, a pagar 10.000 euros de multa. Poder-se-iam multiplicar as citações de pequenas frases assassinas, que não são deslizes nem comentários lançados ao ar, mas, sim, comentários deliberadamente ofensivos para aqueles cujas opiniões são culpadas, a seus olhos, de uma ingenuidade “criminosa”, face os perigos que a imigração representaria hoje para o futuro da França. O mesmo se aplica a seus comentários terríveis sobre as mulheres, enquanto, é claro, orgulha-se de não ser misógino.

Tribuno inteligente e determinado, Eric Zemmour ilustra à perfeição uma ideologia neo-reacionária que ele vem refletindo há anos, ao longo de seus ensaios. Para além do que poderia passar por uma reafirmação de valores morais e tradições, em um mundo que ele descreve como golpeado pela decadência, sua pretensão inscreve-se na linhagem de Charles Maurras e Maurice Barrès. Este já conhecido tipo de pensamento, cujas ligações com o fascismo permanecem complexas e ocultas, substitui o “*métèque*”² judeu pelo migrante de fé muçulmana, e vê no Islã, considerado incompatível com a República, “O” perigo que ameaça a civilização ocidental. O talento falsificador do “pensamento Z ...” foi dissecado e sua falsidade denunciada por muitos historiadores, em particular sua tese da “grande substituição”, que decorre de uma obsessão conspiratória. A Fundação Jean Jaurès é uma das poucas instituições que, até agora, realizou estudos sérios sobre a ideologia em que Eric Zemmour afirma se basear. Suas posições sobre a imigração também despertaram recentemente a atenção de teólogos judeus. Mas, com

² O termo é usado, em geral, em sentido pejorativo, como estrangeiro indesejável [Nota da tradução].

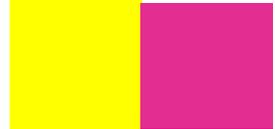
muita frequência, jornalistas, escritores e intelectuais permanecem pasmos ou inertes. Para não falar das mídias televisivas e redes sociais que só fazem ampliar sua audiência.

Nosso apelo visa, portanto, sensibilizar a opinião francesa sobre este homem perigoso. E, acima de tudo, pretende abrir caminho, sem exclusão partidária, a uma luta bem fundamentada contra a ideologia veiculada pelo “pensamento” Z... Uma luta que só terá eficácia contra esta visão estreita e paralisante da sociedade se ilustrar e reforçar os inúmeros exemplos de inclusão e integração positivas em nosso país. O combate ao *Zédisme* vai além das nossas fronteiras e merece ser levado a cabo na Europa ou em qualquer outro lugar do mundo, onde se espere algo melhor da França do que uma velha cantilena declinista³, que hoje se difunde tanto nos desanimados círculos da classe trabalhadora, que se abstém, quanto em certos círculos intelectuais cansados ou cínicos. Por toda parte onde se espere outra coisa que não um candidato que – para além de suas promessas eleitorais, que atraem apenas os que nelas acreditam – representa algo muito mais sério: uma tentativa deliberada de minar os próprios fundamentos da constituição jurídica de nossa vida em comum, tanto na França quanto na Europa, usando um ódio visceral que defende a mesma guerra civil que enxerga em toda esquina e que afirma lutar como os rebeldes no Capitólio, em Washington, em janeiro de 2020.

A vigilância e o definição de formas de assumir a ofensiva são tão mais urgentes quanto mais aumenta a popularidade de Eric Zemmour, que, segundo as atuais pesquisa, atingiu um alto nível; popularidade baseada, em grande parte, na ignorância sobre suas posições filosóficas e morais. Suas observações inadmissíveis, tais como “livrar-se” dos tratados internacionais e europeus, das Cortes Supremas de Estrasburgo e de Luxemburgo, e até mesmo do nosso próprio Conselho Constitucional, envenenam o debate de três maneiras: 1) tornando o outro candidato quase apresentável⁴; 2) dando destaque com demasiada frequência à direita “republicana”; 3) despertando nojo, mas, infelizmente, também uma apatia irresponsável à esquerda. A Europa dos últimos dez

³ O “declinismo” é a crença de que sociedades e/ou instituições estão em declínio, e que o passado foi sempre mais positivo do que o presente e, mais ainda, do que o futuro [Nota da tradução].

⁴ Os autores referem-se, provavelmente, ao atual presidente, Emmanuel Macron [Nota da tradução].



anos está repleta de propostas ou experiências que resultaram num desonroso e catastrófico avanço populista.

Não fiquemos de braços cruzados diante dos aprendizes do chamado “pensamento” Z ... !

Os signatários desta convocatória convidam todos aqueles que assim o desejem a subscreve-la e a constituir-se, se necessário, como coletivo passível de intervir nos próximos meses juntamente com outras iniciativas no mesmo sentido.